

Triente de Lisboa

Mário de Gouveia
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Representando uma fração correspondente a um terço do sólido, o triente de ouro foi a mais importante moeda batida na Hispânia visigoda. Entre os séculos V e VIII, várias localidades, distribuídas por todas as circunscrições administrativas em que se dividia este território – a Galécia, a Lusitânia, a Bética, a Cartaginense e a Tarraconense –, especializaram-se na cunhagem desta moeda, segundo o padrão tipológico e metrológico fixado por Toledo, centro político e metrópole eclesiástica por excelência da monarquia visigoda.

Na Lusitânia, uma das cidades que terá cunhado moeda nesta época foi Lisboa. Sede de município, porto flúvio-marítimo e ponto de partida de uma rede de estradas que garantiam o contacto com Mérida e Braga, Lisboa destacou-se desde a época clássica pela sua vitalidade económica, tendo ficado conhecida como um dinâmico centro produtor de preparados piscícolas exportados para várias partes do Império Romano. Com as invasões bárbaras na Hispânia, Lisboa foi integrada no domínio suevo e, pouco depois, transitou para o domínio visigodo. Hidácio, bispo de Chaves no século V, deixou-nos uma vívida *Crónica* em que narra alguns acontecimentos relativos à história da cidade nesta época conturbada.

A mais antiga moeda seguramente batida em Lisboa, durante a época visigoda, está datada do reinado de Recáredo I (586-601). Exemplar único, esta moeda corresponde a um triente batido em módulo de ouro de 17 mm de diâmetro e 1,38 g de peso. Embora pertencendo a uma coleção particular, esta moeda esteve patente ao público na exposição *Marcas de poder. Moedas visigodas em território português*, organizada pelo Banco de Portugal, entre 2006 e 2007, no âmbito das comemorações do 160.º aniversário desta instituição.

Na orla do anverso, delimitada por gráfica serrilhada, pode ler-se a epígrafe +RECCAREDVSRE: (“+Recáredo, rei”), e, no campo, pode ver-se o busto do monarca em posição frontal. Na orla do reverso, igualmente delimitada por gráfica serrilhada, pode ler-se a epígrafe +OLISIPONAIVSTVS+ (“+Lisboa, justo+”, com S final em posição jacente), e, no campo, pode ver-se igualmente o busto do monarca em posição

frontal. Esta moeda foi estudada e catalogada mais recentemente por Jesús Vico Monteoliva, María Cruz Cores Gomendio e Gonzalo Cores Uría, no *Corpus nummorum Visigothorum. Ca. 575-714. Leovigildus-Achila* (Madrid, 2006, p. 290, n.º 112).

À semelhança dos restantes trientes conhecidos até à data, a moeda batida em Lisboa pode considerar-se um exemplo do esquematismo gráfico e epigráfico que caracteriza a técnica de amoedação visigoda. As suas duas faces mostram epígrafes muito sintéticas que aludem apenas ao nome, título e epíteto do rei e ao local de cunhagem, enquanto os tipos se resumem a representações idealizadas do busto do monarca em exercício, trazendo, em cada face, vestes diferentes, possivelmente alusivas às suas condições bélica e áulica.